

Consoada: a morte como alívio¹

Palavras Chave: Morte, Envelhecimento, Centenários.

1 – Introdução

Conjugar o verbo morrer não é tarefa simples, pois nos impõe a regra gramatical que no presente se inicie por eu morro; logo sou perecível, finito. Porém pensar a morte como referência totalizante constitui um espaço para reflexão sobre a sociedade como um todo, com sua visão de mundo e o ethos a ela associado; afinal todos nós morreremos e buscar entender o que ocorre no ato de morrer e todos os ritos que o cercam é buscar entender as “teias” que constroem a vida. O reconhecimento desta situação demonstra o quanto estamos suscetíveis às intempéries do destino e como relutamos em aceitá-lo. Nestes tempos de culto exacerbado ao corpo, beleza e juventude, sustentado por todo um aparato de discursos midiáticos, conquistamos mais tempo de vida: envelhecemos, para chegar à morte com mais anos de existência. Na primeira parte deste artigo apresento fragmentos do discurso teórico elaborado por cientistas que pensam a morte, para segui-la com auxílio de um exercício etnográfico feito a partir do acompanhamento do velório de pessoas velhas, onde observei que os anos conquistados com aumento da expectativa de vida, nem sempre significam viver e a morte vem consoada como alívio. Na sequência fecho as linhas deste aprendizado com questões do trato dispendido aos muitos idosos e aos centenários.

¹ Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/Paraíba.
Gicele Brito Ferreira/ UFPA.

2 - Visões do Fenecer

Quando a Indesejada das gentes
chegar (Não sei se dura ou
caroável), talvez eu tenha medo.
Talvez sorria, ou diga:
- Alô, iniludível!
O meu dia foi bom, pode a noite
descer. (A noite com os seus
sortilégios). Encontrará lavrado o
campo, a casa limpa, a mesa posta,
Com cada coisa em seu lugar.

(Manoel Bandeira, 1948.)

Aprendi a reconhecer a força da velhice estudando uma festa dos Índios Borari em Alter do Chão no Estado do Pará, lá os maiores de sessenta anos constroem as tramas que engendram o cotidiano e determinam a organização social daquela comunidade. Cerca de quinze anos se passaram e continuo a ver crescer em numero e demandas a população que se torna velha, ou seja, conforme assegura Simone de Beauvoir “... a velhice não é um fato estatico; é o resultado e o prolongamento de um processo...” (1988 p.16) cuja morte faz parte.

Por isso busquei, junto a grupos que participei como Orientadora de Estágio em Oncologia, encontrar o tema velhice e morte para adentrar na tarefa proposta pela Disciplina Metodos e Técnicas de Investigação em Antropologia do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará, onde esquadrinho meu doutoramento.

A morte se apreende pela vida, seja ela esperada como na *Consolada* (Bandeira 1948) ou *Domada* (Airès, 1975) onde o humano sempre sabia quando ia morrer, era avisado por signos naturais ou convicção íntima. Em diferentes formas de organização social há população que tem mais ou menos poder de luta contra a morte de forma

endógena ou exógena. A morte é sempre um drama social compartilhado que se vive (Thomas, 1993).

A revolução no trato dado a morte se deu em uma área cultural bem definida, onde no séc XIX não se conheceu o culto dos mortos e cemitérios: na América estendendo-se para Inglaterra, aos Países Baixos e à Europa industrial; hoje se espraia pelo mundo. A morte como processo na atualidade para as diferentes sociedades passa a ser *Interdita* (Aires, 1975) ou ainda a *Morte Usurpada* (Menezes, 2004) com referência a uma forma de morte, no ambiente hospitalar; onde ocorre o encarniçamento terapêutico quando o doente é isolado em unidade de terapia intensiva (UTI). A UTI que tem como característica o processo de negação da morte; como forma de gestão das emoções na qual pouco menos se tem espaço para expressar os sentimentos.

A forma de encarar a morte é construída socialmente, (Elias, 1989) é variável e específica a forma de lidar dos vivos. O problema/drama é saber que o humano fenece; vai morrer. A vivencia da morte se modifica nos tempos e nas sociedades, logo é uma experiência plural que marca identidades diferentes e nos apresenta como humanos.

Na contemporaneidade o sentimento comum é de poupar o moribundo, ocultar-lhe a gravidade de seu estado, mentindo. Esta mudança só é possível pela confiança que o moribundo deposita em sua família ao mesmo tempo causado pela intolerância a morte do outro. Na modernidade o sentimento de perda com a morte passa a não ser mais tolerado, pois se admite que a vida é feliz (pelo menos na aparência) e os ritos começam a mudar para esvaziar a carga dramática da perda. Fica evidente este significado construído de que nos fala Elias (1989), quando adentro ao velório de Dona Borges² (DB).

A origem do nome “Consoada” vem do Latim "consolata", de "consolare", "consolar", alguém que vê no dizer de Bandeira *a indesejada das gentes chegar*; foi à necessidade que senti ao aproximar-me do velório de Dona Borges (DB) e ver sua única filha, viva, ajudando no preparo do corpo de sua mãe dentro da urna funebre. Era uma senhora idosa de aproximadamente setenta anos, cuidando do corpo de uma mulher que morrerá faltando três meses para completar cem anos; ou seja, mãe (morta) e filha (viva)

² Nome fictício atribuído a mulher centenária de quem acompanhei o velório como atividade de campo. Neste texto serão usadas as iniciais DB quando fizer indicação a Idosa morta e será utilizado o grau de parentesco das pessoas com quem conversei ou percebi presente a cerimônia fúnebre.

eram pessoas velhas (idosas) ou acima de sessenta anos conforme apregoam os marcos regulatórios brasileiros. Nitidamente a relação de cogação emerge, as relações de parentesco entre mãe e filha aparecem como constante, segundo proverbio popular “... o meu filho é filho até se casar, a minha filha é filha toda vida” (SEGALEN, 1999).

Ao me aproximar do ataude toquei no braço da filha; dei-lhe os pesames com um forte abraço, a mesma sorriu e agradeceu por eu ter ido ao velorio, se lembrou de que havíamos conversado no hospital quando sua mãe ainda estava internada com pneumonia (causa morte, após cinco dias na unidade de terapia intensiva). Após o cumprimento fui convidada a ficar e apresentada a duas netas de DB, que já estavam na Sala, para a vigilia. O Espaço era amplo, com um hall de entrada, recepção, floricultura, cafeteria e um longo corredor, aonde se abriam portas para os espaços; lugar de exposição dos corpos mortos e iluminados com velas eletricas, ar condicionado, flores brancas e amarelas presas a uma trama de tecido transparente que recobre o corpo ao centro de cada uma das seis salas ocupadas por diferentes velórios.

Internamente cada quadrado (formato das salas) possui após o “espaço do morto”, espaço reservado para os vivos, com sofá, cafeteira e frigo bar. Tudo é muito claro, acendido, limpo e impessoal, é como se estivessemos em um ambiente contiguo ao hospital, sem qualquer lembrança, cheiro ou história que registrasse os quase cem anos de DB.

Vivemos numa época em que um notável desenvolvimento científico mescla-se a um silênciamento ou a uma espetacularização acerca da morte. Essa é uma forma de lhe recusar densidade, e leva a um avançado isolamento emocional, notado pela prevalência do individualismo. Cada vez mais sabemos sobre o corpo e a velhice e, ao mesmo tempo, isolamos a morte no espaço privado e privatizado do interior das câmaras inacessíveis dos hospitais. Mais que isso: somos cada vez menos capazes de nos sensibilizar frente ao momento em que o corpo dá sinais de que se transforma. O nosso desejo é a permanência, é a vida eterna, é a eterna juventude, a rigidez, a força e a beleza. Os nossos maiores temores são o inesperado e a

finitude, e deles nos afastamos com vigor. Em tal contexto o velho passa a ser um sujeito vazio, impossível de ser compreendido, em relação ao qual não se tem se quer paciência.

(Alarcon 208, p.399)

Já não se morre em casa, o asilo torna-se centro médico no início do séc XX com função curativa, mas como um lugar privilegiado da morte. A morte passa a ser um fenômeno técnico causado pela parada dos cuidados, ou seja, de maneira mais ou menos declarada, por decisão do médico e da equipe hospitalar. A morte foi dividida, parcelada numa série de pequenas etapas, dentre as quais não se sabe qual a verdadeira morte. Todas essas pequenas mortes silenciosas substituíram e apagaram a grande ação dramática da morte, e ninguém tem mais força ou paciência para esperar durante semanas um momento que perdeu parte de seu sentido.

Hoje a família e o moribundo são alienados do processo que é coordenado pela equipe médica. São eles os donos da morte. A emoção é contida e a sociedade, a vizinhança, os amigos e as crianças devem se aperceber o mínimo possível que a morte ocorreu.

Uma vez esvaziada a morte não há mais razão para visitar seu tumulo como nos países onde há radicalização que leva a cremação e a dispersão das cinzas faz com que haja o rompimento com a tradição cristã mais também o desaparecimento e esquecimento de tudo que pode restar do corpo, anulando-se. A felicidade desta vida não pode ser questionada, caso contrário perde-se sua razão de ser.

Com o passar das horas chegavam os (as) netos (as) de DB, com suas famílias sem crianças, havia um ou outro adolescente que era apresentado aos demais parentes. Existia muita surpresa por parte dos primos mais velhos que não conheciam seus primos mais jovens e certa inibição e deslocamento por parte dos mais moços que pareciam não comungar do sentimento de perda da bisavó DB.

A morte havia ocorrido às 13h e às 20h o secretário da funeraria (vestido como um executivo) veio saber a que horas haviam marcado o enterro, e se o corpo seria preparado (técnica do embalsamamento) para resistir caso estrapolasse às 24h. Neste momento houve uma rápida reunião da filha com as duas netas que a acompanhavam desde cedo para decidir o que fazer, pois havia uma neta que estava para chegar de São Paulo na manhã do dia seguinte, quando poderia avisar sua mãe (cunhada de 75 anos que não via DB a mais de um ano) da morte e do enterro. O Enterro foi marcado para as 10 horas do dia seguinte (não necessitando de técnicas para conservação do corpo) e a filha passou a noite velando sua mãe (DB).

Neste ato percebi que o interdito da velhice e da morte não era apenas para as crianças, mas também para os doentes e demais velhos da família. Eles assim como os mais jovens não acompanharam os últimos dias, os últimos anos de DB.

O idoso é jogado para as margens da experiência social e cultural, e seu acolhimento dependerá de sua incorporação ao mercado. Há uma sensível antipatia pelos velhos, descritos indistintamente como moribundos, como amontoados de órgãos e não como pessoas humanas. O idoso é pensado atualmente como alguém marcado pelos signos da incapacidade e da dependência. Isso assusta os jovens porque parece ser o seu futuro, e os afasta porque o cuidado é algo desvalorizado no presente, tempo da velocidade e do individualismo. Aos velhos, na sociabilidade contemporânea, diz Elias, só há o acolhimento da caridade ou da condescendência. A eles é impedida a construção de uma vida dotada de sentido, uma vez que acreditam estar vivos quando, na verdade, estão mortos para os outros que o rodeiam. (Alarcon 208, p.398)

Após as vinte duas horas ficaram poucas pessoas e me reaproximei da filha que começou a me contar sobre a vida de DB:

“... a festa já estava pronta, ela ia fazer cem anos dia 08/11, mas ela disse que não ia ficar para festa, foi tão rapido que ela adoeceu de pneumonia. Ela nunca teve nada, sempre gozou de muita saúde. Só agora nos ultimos tempos, depois da morte do meu irmão mais velho que ela já não lembrava mais o que acontecia e eu tinha que repetir todo tempo que ele já havia morrido; ela chamava muito por ele e pelos outros. Ela teve doze filhos, criou sete, seis já morreram, só ficou Eu para cuidar dela...” (Filha DB, 73 anos).

Segundo Segalen (1999) as mulheres já com alguma idade, entre os cinquenta e cinco e setenta anos, vivenciam tensões psicologicas com os seus pais idosos, quando estes, por exemplo, perdem a sua autonomia e já não podem deslocar-se.

Silêncio, choro, voz rouca. Neste momento pergunto a filha se ela gostaria de um copo de água e ela percebe que eu também estava emocionada, apertou minha mão e continuou a falar.

Ela foi morar lá em casa com 92 anos, após cair e quebrar o braço, Ela ia passava um dia, dois; ai eu vinha para casa dela, passavamos uma tarde e a minha filha nos levava e trazia, até ela se acostumar, foi difícel, ela não aceitava deixar de ir para União Espirita e também não tomar mais conta da casa dela. Ela era muito forte e até os 97 queria saber de tudo e dava opinião, ela me fazia companhia, já que sou eu e meu marido em casa; as nossas filhas já casaram e a unica solteira trabalha e só chega de noite. No ano passado ficou difícel, pois ela não reconhecia as pessoas, passou a fazer as necessidades em qualquer lugar e não aceitava fraudas, às vezes nos acabavamos de limpar e ela fazia tudo de novo. Eu já não tinha forças e é tão caro e difícel encontrar quem ajude. A médica disse que já era Demencia ocasionada pelo Alzaimher. Eu me sinto muito cansada mais gostaria de ter minha mãe aqui. (Filha DB, 73 anos).

Com o irreversível aumento do envelhecimento da população e a estabilização da fecundidade numa taxa que é suficiente apenas para assegurar a renovação das gerações podem perguntar o que sucederá à relação filha idosa-pais muito idosos no séc XXI. Menos filhos e netos terão de se ocupar de mais pessoas idosas (Segal, 1999 p 129).

Durante todo velório pude perceber apenas a presença de duas pessoas que não eram ligadas por parentesco; uma era representante (Senhora de aproximadamente 50 anos) da União Espirita Paraense onde DB participou por mais de sessenta anos e a outra filha de uma afilhada de DB que por ser muito idosa não teve condição de deslocar-se.

Quando a neta vinda de São Paulo chegou trazendo sua mãe (cunhada de DB), já era manhã, houve comoção, pois a senhora precisava ser carregada devido seu estado de saúde. Ela foi levada ao caixão, disse algo que não consegui ouvir, cumprimentou a filha de DB e sentou-se ao seu lado. Durante este momento, histórias sobre a severidade e as extravagâncias de DB foram contadas, alguns riam outros se admiravam, mas apenas a cunhada tivera coragem de falar sobre episódios de dor que DB tinha lhe causado. Nesta cena é possível evocar o que Radcliffe-Brown denominou de **relações jocosas** como um misto de amizade e antagonismo que marca tanto conjunção quanto disjunção social, é uma relação que passa por processos de evitação.

A definição de Radcliffe-Brown, como se sabe, referia-se às relações específicas entre pares de posições diádicas, que comportavam o sarcasmo e a mordacidade ostensivos; relações institucionalizadas, contrastavam com outras relações sociais, em particular com seu oposto simétrico, que seriam as relações de evitação vigentes, via de regra, entre posições sociais hierarquizadas. (Barros, 1987).

O Enterro ocorreu como previsto com o caixão sendo conduzido por um carro fúnebre até a entrada do Cemitério de Santa Izabel no Bairro do Guamá em Belém do Pará e após os Netos e Bisnetos carregaram o ataúde até a sepultura da família do filho mais velho de DB, que havia sido o anterior a ser enterrado; com muita dificuldade, pois a infraestrutura do espaço está muito danificada com mato alto e formigas. Apesar de DB

ser espirita kardecista toda cerimonia religiosa foi conduzida por um Padre Catolico atendendo ao pedido da filha que é catolica. A representante espirita pediu para rezar a Prece de Caritas, no que foi atendida.

Após o enterro esperei a Filha se despedir dos parentes e acompanhei seus pedidos para que todos fossem rezar o terço como designa a tradição Catolica. A cada convite a incerteza de poder participar era resposta comum, não ouvi ninguém assegurar participação na reza do terço de DB. As respostas comuns eram todas justificativas de compromissos já assumidos com o trabalho no horário do terço.

Articula Maus, se é verdade que a crítica etnográfica nos terá permitido alcançar praticamente os fatos sociais reais, é a outros fatos reais que precisamos vinculá-los. É aos fenômenos sociais objetivamente constatados que vincularemos os fenômenos religiosos objetivamente constatados. Obteremos assim sistemas coerentes dos fatos, que poderemos exprimir em hipóteses, provisórios é verdade, mas em todo caso racionais e objetivos. (MAUS 1902, P. 57)

Diante desta cena perguntei-me o que estamos fazendo com os anos de vida que conquistamos? Para que viver mais se a velhice é marcada pelo esquecimento, pela ausencia de sociabilidade e autonomia? Temos certeza que queremos nos tornar velhos, mas que velhice queremos? Como estamos preparando a trama que engendra as relações para que os anos de vida conquistados sirvam como base e não como estorvo. O que a sociedade deseja, pensa e faz a sí propria na velhice?

3 – Os Muito Idosos e os Centenários

Tabela 01 -	CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA - IBGE
IDOSOS JOVENS	60 a 70 anos
IDOSOS MÉDIANOS	70 A 80 anos
MUITO IDOSOS	+ de 80 anos
CENTENÁRIOS	100 a 120 anos

Fonte dos dados básicos: IBGE – Censos Demográficos.

A expectativa de Vida humana vem sofrendo grande transformação, na Pré-História, vivíamos cerca de 25anos, no Séc. XVII 30 anos, no Séc. XX 40 anos, na Média Atual 76 anos (País desenvolvido) e 30 anos (País Pobre). No Brasil do Séc XXI a expectativa é de 71,3 anos para homens e 78,6 anos para mulheres, com média geral de 74,9 anos. Segundo as projeções feitas em 2050, uma em cada cinco pessoas será velha.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) vêm alertando por meio dos indicadores sociais e demográficos, divulgados anualmente, que a estrutura etária do País está mudando e que o grupo de idosos é, hoje, um contingente populacional expressivo em termos absolutos e de crescente importância relativa no conjunto da sociedade brasileira, daí decorrendo uma série de novas exigências e demandas em termos de políticas públicas de saúde e inserção ativa dos idosos na vida social.

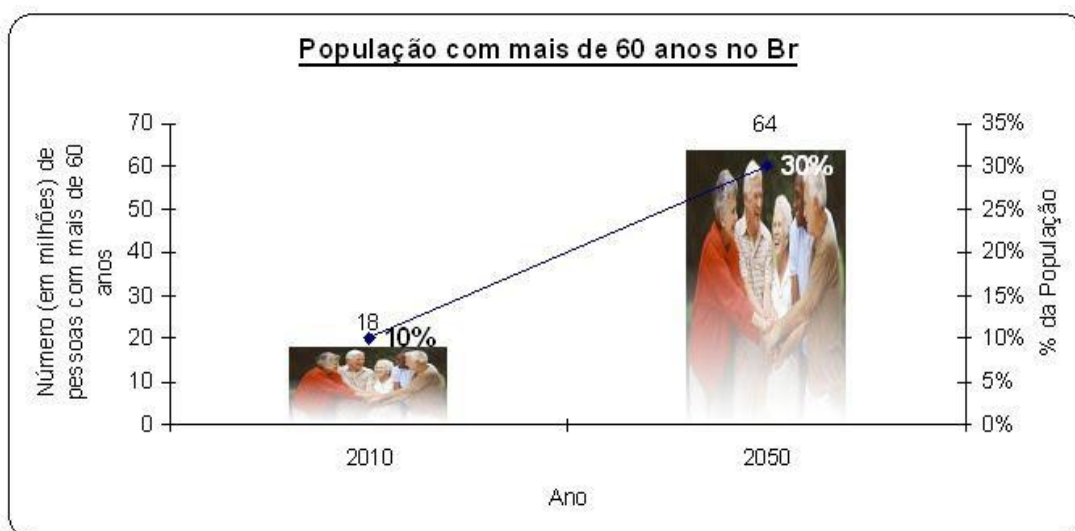
A participação dos idosos na composição etária da população brasileira tem sido cada vez mais significativa. O número de centenários recenseados no Brasil segundo o IBGE em 1991, foram de 13.865 centenários no Brasil e, em 2000, 14.476 indivíduos, representando um aumento.

De acordo com o Censo 2010, existe 23.760 mil pessoas com mais de 100 anos no país atualmente, as pessoas com mais de 100 anos representam 0,01% da população brasileira.

Segundo o IBGE, o crescimento da população brasileira vai durar aproximadamente mais 30 anos. O estudo apontou que a Bahia é o estado com mais centenários (3.525), seguido por São Paulo (3.143) e Minas Gerais (2.597). Já Roraima é o estado que possui o menor número, apenas 21 pessoas com mais de 100 anos. As mulheres representam o maior número de centenários, em relação aos homens. A pesquisa ainda apontou que em 2040, o Brasil deixará de ser um país jovem e passará a ser um país maduro ou adulto.

Simultaneamente, a participação da faixa com mais de 65 anos avançou de 5,9% em 2000 para 7,4% em 2010. O envelhecimento é reflexo do mais baixo crescimento populacional aliado a menores taxas de natalidade e fecundidade

Fonte dos dados básicos: IBGE – Censos Demográficos.



Nas últimas décadas, as transições de fecundidade e mortalidade levaram a um processo significativo de envelhecimento da estrutura etária da população do Brasil (Wong,2001). Projeções das Nações Unidas sugerem que no período de um século – 1950 a 2050 – a idade mediana da população brasileira aumentará de 19,2 anos para 40,4 anos (United Nations).

TABELA 2. População com 100 anos ou mais de idade, segundo sexo.

Brasil – 1950, 1980, 1991, 2000 e 2010.

<i>Ano</i>	<i>Total</i>	<i>Homem</i>	<i>Mulher</i>
1950	9.689	3.290	6.399
1980	11.990	4.086	7.904
1991	13.865	4.657	9.208
2000	14.535	6.533	8.002
2010	23.760	9.670	14.090

Fonte dos dados básicos: IBGE – Censos Demográficos.

O aumento do número de centenários observado, recentemente, no Brasil, é um fenômeno presente em vários países desenvolvidos desde a década de quarenta. Myers (1966) e Rosenwaike (1968, 1979) destacam que a população americana recenseada com 100 anos e mais de idade dobraram entre 1940 e 1960. Em 2006, já se observava mais de 60.000 centenários americanos (Research, 2006). Não só a população com 100 anos e mais, mas também a população com 110 anos e mais – ou supercentenários – têm apresentado, nas últimas décadas, taxas de crescimento muito altas nos EUA. Entre 1980 e 1999, por exemplo, 671 pessoas atingiram os 110 anos de vida naquele país (Rosenwaike & Stone, 2003).

No Canadá, Bourbeau & Lebel (2000) destacam um crescimento da população centenária superior a 18 vezes, entre 1951 e 1995, que passou de 131 para 2.456 pessoas. Na França, Vallin & Meslé (2001) estimaram que o número de centenários passou de 200, em 1950, para 6.840 em 1998. Em 2006, a população centenária francesa já era de 12.781 indivíduos (Human Mortality Database in: Gomes e Turra, 2008).

Tabela 3. População com 100 anos e mais em relação à população com 65 anos ou 85 anos de idade, segundo sexo e países selecionados – 1991.

<i>País</i>	<i>Pop 100+ / Pop 65</i>			<i>Pop 100+ / Pop 85</i>		
	<i>Mulher</i>	<i>Homem</i>	<i>Total</i>	<i>Mulher</i>	<i>Homem</i>	<i>Total</i>
Estados Unidos	2,3%	0,6%	1,5%	6,9%	3,2%	5,8%
França	1,2%	0,2%	0,8%	3,0%	1,0%	2,4%
Suécia	1,0%	0,3%	0,7%	2,5%	1,2%	2,0%
Itália	0,6%	0,2%	0,4%	2,0%	1,1%	1,7%
Japão	0,4%	0,1%	0,3%	1,8%	0,8%	1,4%
Brasil	2,8%	1,2%	2,1%	19,0%	11,4%	16,0%

Fonte dos dados básicos: IBGE – Censo Demográfico 1991 e *Human Mortality Database* (<<http://www.mortality.org>>) in: Gomes e Turra, 2008.

Entre os idosos medianos a partir de setenta (70) e as vésperas dos cem (100) anos, o humano foi desempoderado de sua autodeterminação, não há mais espaço para vida, foram anos sendo apagados, ou seja, invisibilizados sem a trama social considerar a alteridade do grupo que já chega ao primeiro século de vida. Não é possível dissociar velhice de morte, mas é necessário considerar que as práticas, sejam elas científicas ou religiosas reencantam o humano que chega a ser muito idoso e/ou centenário (Debert 2004) conforme apontam os dados censitários do Brasil e do Mundo.

4 – Considerações Finais

A morte como comportamento complexo que se origina nas bases do inconsciente se materializa na construção de espaços sociais, sejam eles de pequeno ou grande reconhecimento para os vivos que ficam, todos os dias morre-se, mas no ritual de

enterramento percebe-se que vida se viveu, são situações recorrentes que tentei apresentar ao trazer a dissonância que há entre morrer velho verso morrer em vida por que envelheceu.

A tendencia contemporanea é rever os estereotipos associados ao envelhecimento considerando que os estagios mais avançados da vida devem possibilitar novas conquistas, guiados pelo prazer e satisfação pessoal estabelecendo relações proficuas entre jovens e velhos não marcadas especificamente pela mercantilização da força de trabalho dos muito idosos e centenários. A morte deve vir quando o biologico se esvair sem a dissociação precoce entre o social e o pessoal em vida.

Bibliografia

AIRES, Philippe. **História da Morte no Ocidente desde a Idade Média**. Lisboa: Teorema, 1975

ALARCON, Agra do Ó. **Norbert Elias e uma narrativa acerca do envelhecimento e da morte**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro v.15, n.2, p.389-400, abr.-jun. 2008.

BARROS, Myrian Lins de. **Autoridade e Afeto avós, filhos e netos na família brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar,1987.

BEAUVOIR, Simone. **A Velhice**. Tradução de Maria Helena Franco. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1990.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade lembranças de velhos**. 3ª ed, São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURBEAU, R.; LEBEL, A. **Mortality statistics for the oldest-old: an evaluation of canadian data**. *Demographic Research*, v. 2, mar. 2000

Elias, Norbert. **La Soleda de Los Moribundos**. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1989.

Gomes, Marília Miranda Forte e TURRA, Cássio M. **Quantos são os centenários no Brasil? Uma estimativa indireta da população com 100 anos e mais com base no número de óbitos.** Trabalho apresentado no III Congresso da Associação Latino Americana de População, ALAP, realizado em Córdoba - Argentina, de 24 a 26 de Setembro de 2008.

RADCLIFFE-BROWN, A. [(1952) 1973] **Estrutura e Função na Sociedade Primitiva.** Petrópolis, Editora Vozes.

RESEARCH Highlights in the Demography and Economics of Aging. **The future of human life expectancy: Have we reached the ceiling or is the sky the limit?** USA: n. 8, 2006.

ROSENWAIKE, I. **On measuring the extreme aged in the population.** *Journal of the American Statistical Association*, v. 63, n. 321, mar. 1968.

ROSENWAIKE, I.; STONE, L. F. Verification of the ages of supercentenarians in the **United States: results of a matching study.** *Demography*, v. 40, n.º. 4, p. 727-739, 2003

COUTINHO, Maria Lucia Rocha. **Transmissão Geracional e Família na Contemporaneidade.** In: BARROS, Mirian Lins. *Família e Gerações.* Rio de Janeiro: FGV, 2006.

DEBERT, Guita Grin. **A Reinvenção da Velhice.** São Paulo: FAPES, 2004.

ELIAS, Nobert. **La Soledad de los moribundos.** Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1989.

LIMA, Maria Odila Buti. **O Encontro com a morte.** In: *Novo velho envelhecimento olhares e perspectiva.* Org: KAUFMAN, Fani G. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia.** Vol. 1 e 2 , São Paulo: E.P.U/EDUSP,1974.

MENEZES, Rachel Aisengart. **Em busca da boa morte: antropologia dos cuidados paliativos.** Rio de Janeiro: Fiocruz e Gramond,2004.

MYERS, R.J. **Validity of centenarian data in the 1960 census.** *Demography*, v. 3, n. 2,p. 470-476, 1966.

MONTEIRO, Pedro P. **Envelhecer ou Morrer, eis a questão**. Belo Horizonte: Gutemberg Editora, 2008.

MUCIDA, Ângela. **O Sujeito não envelhece psicanalise e velhice**. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora Autentica, 2006.

SEGALEN, Martine. **Sociologia da Família**. Lisboa: Terramar, 1999.

THOMAS, Louis-Vincent. **Antropologia de la Muerte**. México: Fundo de Cultura, 1993.

VALLIN, J.; MESLÉ, F. **Vivre au-delà de 100 ans**. *Population & Sociétés*, n. 365, fev.2001.

WONG, L. R. Subsídios para políticas orientadas ao bem-estar do idoso sob a ótica de uma sociedade para todas as idades. In: WONG, L.R. (org.). **O envelhecimento da população brasileira e o aumento da longevidade: subsídios para políticas orientadas ao bem-estar do idoso**. Belo Horizonte: Cedeplar/UFMG, ABEP, 2001. p. 11-22.